

Mas o que é Família 35?

Eu posso imaginar que muitas pessoas estão ouvindo falar da Família 35 pela primeira vez. Ela se refere a uma linha de transmissão dentro do largo rio 'Bizantino' de MSS, e eu lhe dei esse nome. Até onde eu sei, o mundo acadêmico está ignorando severamente meu trabalho, como precisam, com certeza, já que eu exponho as falsidades que eles vêm transmitindo por gerações. Vou começar com um pouco da história recente.

Quando Thomas Nelson Inc. publicou meu primeiro livro em 1977, *The Identity of the New Testament Text* ["Qual o Texto Original do Novo Testamento"], o melhor Novo Testamento grego impresso que estava facilmente disponível era o *Textus Receptus*, o Texto Recebido – era o texto grego da Reforma Protestante. John William Burgon, decano de Chichester, chamou-lhe o 'Texto Tradicional'. Embora Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad tivessem começado a trabalhar em um Texto Majoritário, baseando-se no trabalho de Hermann von Soden,¹ ele não foi publicado até 1982. Em 1977, demonstrei que a teoria crítica de Westcott-Hort era falsa em todos os pontos, e essa demonstração nunca foi refutada desde então, até onde sei. Mas quando se tratava de oferecer uma alternativa, eu estava limitado à generalidades e às sete "Notas de Verdade" de Burgon. Elas são: 1) Antiguidade; 2) Número; 3) Variedade de evidência; 4) Respeitabilidade das testemunhas; 5) Continuidade na transmissão; 6) Contexto; 7) Ser razoável.² Thomas Nelson passou meu livro por pelo menos mais três impreções posteriores, incluindo algumas revisões, a última aparecendo em 1990. Mesmo em 1990, eu não tinha nada melhor para oferecer.

No entanto, em 1988, ajudei a fundar a Majority Text Society [Sociedade do Texto Majoritário], juntamente com Zane Hodges, Art Farstad e Frank Carmichael, e fui seu primeiro presidente. Naquela época, comecei a trabalhar seriamente na teoria do Texto Maioritário e, durante a década seguinte, desenvolvi o que achei por bem chamar de Teoria do Texto Original – TTO. Eu a usei como um meio termo a caminho da minha abordagem atual à crítica textual do Novo Testamento (que podemos chamar de Family 35 Priority Theory [Teoria da Prioridade da Família 35]). Aqui está a minha descrição da TTO:

- 1) Primeiro, a TTO tem o objetivo de identificar as exatas palavras da redação original dos escritos do Novo Testamento. (Aqui eu rejeito a ideia de que a redação original está perdida e se foi.)
- 2) Segundo, os critérios devem ser bíblicos, objetivos e razoáveis. (Aqui eu rejeito a dependência de critérios subjetivos e uma abordagem puramente racionalista [que exclui o sobrenatural].)

¹ *Die Schriften des Neuen Testaments in ihrer ältesten erreichbaren Textgestalt* (Teil 1, Berlin: Verlag von Alexander Duncker, 1902-1910; Teil 2 Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1913).

² Burgon, *The Traditional Text*, p.29.

- 3) Terceiro, uma atestação de 90% será considerado indiscutível, e de 80% será quase isso. (Isto é agora substituído pelos avanços no ponto 5, embora uma atestação de 90% permaneça difícil de atacar.)
- 4) Quarto, as "notas de verdade" de Burgon entrarão em jogo, especialmente quando a atestação ficar abaixo de 80%. (Isto é agora substituído pelos avanços no ponto 5, embora as suas "notas" permaneçam válidas, em geral.)
- 5) Quinto, onde existem cotejos, possibilitando um agrupamento empírico dos MSS com base em mosaicos compartilhados de leituras, isso deve ser feito. Tais grupos devem ser avaliados com base em seu desempenho e receber um quociente de credibilidade. Uma história putativa da transmissão do Texto precisa ser desenvolvida com base nas inter-relações desses grupos.
Agrupamentos e relacionamentos demonstrados substituem a contagem de MSS. (Por favor, notar que eu não estou me referindo a qualquer tentativa de reconstruir uma genealogia de MSS - eu concordo com aqueles estudiosos que declararam que tal empreendimento é virtualmente impossível (existem eles perdidos demais). Estou, de fato, referindo-me à reconstrução de uma genealogia de **leituras** e, portanto, da história da transmissão do Texto. O último período sempre foi enfatizado. Quando todos os MSS tiverem sido cotejados e empiricamente agrupados, podemos dispensar a contagem deles.)
- 6) Sexto, ela pressupõe que o Criador existe e que Ele falou com nossa raça. Ela aceita o propósito divino implícito de preservar Sua revelação para o uso das gerações subseqüentes, inclusive a nossa. Ela entende que tanto Deus como Satanás têm um interesse ativo contínuo no destino do Texto do Novo Testamento – abordar a crítica textual do Novo Testamento sem levar em conta esse interesse é agir de forma irresponsável. (Aqueles que excluem o sobrenatural de seu modelo estão se autocondenando a nunca alcançar a Verdade – tanto Deus como Satanás existem, e ambos têm se envolvido na transmissão do Texto do NT.)
- 7) Sétimo, ela insiste que pressuposições e motivos devem sempre ser abordados e avaliados. (Em qualquer investigação científica, uma distinção rigorosa deve ser feita entre evidência, pressuposição e interpretação. Como os pressupostos de uma pessoa influenciam muito, até mesmo controlam, sua interpretação da evidência [que deveria ser a mesma para todos], qualquer estudioso honesto precisa declarar abertamente suas pressuposições. É sem dúvida demais esperar que pecadores exponham seus motivos à luz do dia [João 3.20].)

Eu digo 'meio termo' porque eu ainda estava pensando em termos de uma grande maioria, e isso porque eu ainda não tinha reparado na Família 35 (eu ainda estava limitado a generalidades). No entanto, o quinto ponto acima mostra a direção em que eu estava indo; notar especialmente o último período, que sempre esteve em negrito, e mais especialmente o termo 'demonstrado'. Por

exemplo, meu aparato crítico para o Apocalipse dá a evidência em termos dos nove grupos de Hoskier, em vez de porcentagens de MSS. (De passagem, eu diria que Hort fez um malefício considerável à disciplina ao postular tipos de texto teóricos, desprovidos de evidência, e depois tratá-los como fato estabelecido.)

No entanto, em 2003, Wipf e Stock Publishers publicaram *The identity of the New Testament Text II*, como uma reimpressão acadêmica. Ele continha revisão a mais, mas ainda usava as “Notas de Verdade” de Burgon, embora eu tivesse introduzido uma Família 18, que logo mudei para a Família 35. Em 2002, eu já tinha tomado conhecimento da Família 35, mas meu desenvolvimento de uma teoria em torno dela era ainda hesitante e incompleto. Quando Wipf e Stock publicaram *The identity of the New Testament Text III* em 2012, eu havia trabalhado essa teoria o suficiente para substituir as "Notas de Verdade" de Burgon por ela.

Foi a apresentação da evidência de Hodges-Farstad no seu Texto Majoritário quanto à *Pericope Adulterae* que me chamou a atenção, por basear-se no suposto cotejo de von Soden de mais de 900 MSS. (De passagem, podemos observar que os cotejos de Maurice Robinson demonstram que von Soden manipulou os dados.) Como afirmado no aparato deles, havia três correntes principais: **M⁵**, **M⁶** e **M⁷**. **7** estava sempre na maioria absoluta [exceto em uma divisão de cinco leituras diferentes onde não há maioria] porque sempre foi acompanhada por **5** ou **6** [**5** + **6** nunca vão contra **7**]. Isso me pareceu três correntes independentes, onde raramente mais do que uma se desviaria em qualquer dado item. Sendo o denominador comum, **7** era claramente o melhor dos três e, presumivelmente, também era o mais antigo.

Então eu fui ao Apocalipse (em H-F) e notei três fluxos principais novamente: **M^{a-b}**, **M^c** e **M^{d-e}**. O quadro era análogo ao da *PA*. Apocalipse representa um corpo muito maior do que a *PA*, mas mesmo assim, existem apenas 8 casos em que **a-b** e **d-e** se juntam contra **c** (+ 6 outros onde um dos quatro é dividido), comparado com mais de 100 cada para **a-b** e **c** contra **d-e** e para **c** e **d-e** contra **a-b**. Novamente, sendo o denominador comum, **c** era claramente o melhor dos três (veja o aparato do meu Texto Grego em Apocalipse).

Pois então, acontece que **M⁷** na *PA*, e **M^c** em Apocalipse são iguais ao **K^r** de Soden, e com isso eu comecei a ficar desconfiado. (Por que ‘ficar desconfiado’? Porque **M⁷** é claramente mais antigo que **M⁵** e **M⁶** na *PA*, e **M^c** que **M^{a-b}** e **M^{d-e}** no Apocalipse, mas von Soden alegou que **K^r** era uma revisão de **K^x** [como poderia ser uma revisão se era mais antigo?].) Depois, a série *Text und Textwert* provou que **K^r** é independente de **K^x** em todo o NT. Segue-se que o **K^r** não pode ser uma revisão do **K^x**. Depois, há centenas de lugares onde **K^r** tem atestação antiga patente, contra **K^x**, mas não há padrão para essa atestação antiga. Se não há padrão, não há dependência. Não havendo padrão, então **K^r** tem que ser antigo,

como já indicou o quadro na *PA* e no Apocalipse. Se K^r é antigo e independente, então tem que ser reabilitado na prática da crítica textual do Novo Testamento. **Se é a melhor linha de transmissão na *PA* e no Apocalipse, também pode ser a melhor em outros lugares.**

Mas há um desdém e uma antipatia arraigados em relação ao símbolo K^r , por isso propus um novo nome para esse tipo de texto. Devemos substituir K^r por f^{35} – é mais objetivo e se afastará do preconceito contra o K^r . O Minúsculo 35 contém todo o NT e reflete K^r de fora a fora, e é o MS com o menor número, que atende essas qualificações. O minúsculo 18 tem um número menor e também contém o NT inteiro, mas segue outro tipo de texto no Apocalipse. (Por exemplo, os cursivos 1 e 13 são o menor número em suas famílias e, como eles, 35 nem sempre é o melhor representante [é geralmente excelente] – mas é do século XI [e é uma cópia de um exemplar mais antigo, não uma nova criação], então o tipo de texto não poderia ter sido criado no século XII, Q.E.D. – isto é uma abreviação do latim, *quod erat demonstrandum*, o que tinha de ser demonstrado foi demonstrado.)

A família 35 representa cerca de 16% do total de MSS gregos conhecidos, mas quase nunca está inteiramente sozinha. No entanto, a lista de outros MSS quase nunca é a mesma, e isso em todo o NT. Isso não indica que f^{35} é o denominador comum? Porque a lista de outros MSS quase nunca é a mesma, é possível isolar os MSS que representam f^{35} . Como afirmei no final da Parte I (ou no vídeo onze), o Texto Original é o arquétipo mor, portanto qualquer candidato também precisa ser um arquétipo – um arquétipo verdadeiro, certo e justo, objetivamente verificável; existe apenas um que já foi identificado – Família 35. A maioria das palavras no NT tem virtualmente 100% de atestação (dos MSS gregos conhecidos), mas onde há discordância, é o mosaico, ou perfil, de leituras compartilhadas que definem uma família, ou linha de transmissão. Eu já publiquei o perfil que define a Família 35 no NT inteiro. Encontra-se em dois de meus livros, *The Identity of the New Testament Text IV* e *God Has Preserved His Text!* (ambas as edições) – eles podem ser adquiridos pelo Amazon.com. Outrossim, podem ser baixados do meu site: www.prunch.org.